

Excelência em estrutura motivou escolhas por universidade

Além da possibilidade de compartilhar outra cultura e idioma, o intercâmbio também representa contato com estruturas de estudo e pesquisa muitas vezes superior à que o aluno está acostumado. Não é difícil encontrar, entre os intercambistas, homens e mulheres que foram buscar, no exterior, a excelência acadêmica necessária para uma formação de qualidade. Foi o caso de Yves Bastos, de 21 anos, estudante de Engenharia da Computação. Contemplado com uma bolsa de Ciência Sem Fronteiras, ele está na Universidade de Winsconsin, em Madison, nos Estados Unidos.

"Escolhi a UW por se tratar de uma das melhores universidades dos EUA. Ela oferece uma infra-estrutura excelente, assim como o seu corpo docente, e tem um

ritmo de atividades muito puxado, diferente da universidade no Brasil. Normalmente os alunos se matriculam em poucas matérias, mas elas são bem puxadas. São várias aulas por semana, e todas as matérias têm sessões para resolução de exercícios", conta Yves. Para ele, a diferença de nível e a excitação de estar em um país estrangeiro são fatores que podem complicar a rotina dos intercambistas, pois é preciso fazer um esforço maior para se adaptar. Mas diante de todo o conhecimento e maturidade adquiridos, ele diz que as dificuldades ficam pequenas, e que para ter sucesso, basta ter foco. "Quando você se concentra, é possível se adaptar melhor", define.

No caso de Rafael Cardoso, aluno de Geografia, a excelência da universidade também contou pontos importantes na hora de escolher onde

estudar. Mas para ele, as diferenças entre Barcelona e Maceió revelaram uma surpresa positiva. "Escolhi a Universidade de Barcelona por ser uma universidade de prestígio na Espanha, estar numa das principais cidades europeias e centro da economia espanhola.

Com as aulas, senti que o nível de professores da Universidade de Barcelona é o mesmo da Ufal. Pensei que por se tratar de uma universidade europeia e de referência internacionalmente significativa, o nível fosse bastante superior, mas isso não me decepcionou. Fiquei orgulhoso dos professores da Faculdade de Geografia da Ufal. Muitas vezes, nós temos bons professores perto de nós e não damos o devido valor. O intercâmbio foi muito importante também nesse sentido", avalia Rafael. G.L.



Universidade americana foi a escolha de Yves para o intercâmbio

Mudanças no edital deixaram intercâmbio mais acessível

O Ciência Sem Fronteiras foi criado pelo Governo Federal em julho de 2011, para incentivar a qualificação acadêmica de estudantes universitários no exterior, e estimular principalmente o desenvolvimento de pesquisas em áreas "prioritárias" do conhecimento. Ele contempla bolsas de estudo de graduação e pós (mestrado e doutorado), tanto de brasileiros no exterior como de pesquisadores estrangeiros no Brasil, a partir de convênios firmados com Universidades Federais.

Apesar de ser relativamente novo, com seis meses de atividades, o programa já mobilizou mais de 300 alunos da Ufal, interessados no intercâmbio com uma universidade estrangeira. Segundo o professor Pedro Valentim, coordenador institucional do CSE, a participação dos estudantes aumentou principalmente a partir do segundo

conjunto de editais de seleção, lançado em março deste ano.

A principal causa da mudança foram alterações no processo de candidatura e na quantidade de países participantes, que acabaram facilitando e ampliando a participação de intercambistas. Do modo como era feito antes, o edital contemplava apenas um número limite de vagas por universidade (no Brasil), cinco parceiros no exterior (Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido, França e Itália).

Com a publicação do segundo conjunto de editais, o candidato que precisava ser aceito pela universidade estrangeira passou a ser selecionado dentro do próprio programa de intercâmbio, através da Capes e do CNPq, e o limite de vagas foi extinto. Para Pedro Valentim, o novo método de seleção deixou o intercâmbio

Para Pedro Valentim, seleção ficou mais justa



mais justo. "A seleção feita pelas universidades acabava priorizando critérios que iam além do desempenho acadêmico, valorizando mais um perfil do que a formação, de certo-modo",

explica o professor.

"Com as mudanças, a excelência acadêmica passou a ser o fator decisivo, então, hoje, todo estudante com boas notas, interessado em uma

das áreas contempladas pelo Ciência Sem Fronteiras, pode se inscrever para participar", destaca Pedro Valentim. Outra mudança positiva nos editais foi a inclusão de mais universidades estrangeiras, incluindo aquelas de países com línguas latinas. Além dos cinco países participantes, os estudantes também passaram a poder se candidatar a uma vaga no Canadá, Bélgica, Holanda, Coreia do Sul, Portugal e Espanha.

"Acredito que a inclusão destes últimos tenha contribuído de maneira especial para o aumento da participação dos estudantes, pois para se candidatar é preciso ter certificado de proficiência no idioma do país onde vai estudar, e Portugal e Espanha possuem culturas mais próximas da realidade da maioria dos nossos alunos", avalia o professor. G.L.